

OBSTÁCULOS E POTENCIALIDADES

Parte I

§1º **“O que fazer?”**. O jargão da “luta”, enquanto expressão vazia, tão repetido pelos sindicalistas burocráticos, é algo que deve ser posto sob suspeita, se quisermos superar efetivamente a apatia e a inércia que toma conta do movimento sindical. Algo que, aqui, deve ser enfatizado, é a necessidade de apontar efetivamente, aos indivíduos (de “carne e osso”), potencialidades às ações políticas emancipatórias. A maneira mais honesta, do ponto de vista intelectual, seria reconhecer o ponto de partida: não sabemos o que fazer. Como afirma Slavoj Žižek, antes, “(...) sabíamos o que tínhamos e o que queríamos fazer (estabelecer a ditadura do proletariado etc), mas precisávamos esperar com paciência o momento certo em que a oportunidade se ofereceria. Agora, não sabemos o que temos que fazer, mas temos que agir, porque as consequências de não agir podem ser catastróficas” (Žižek. “Primeiro como tragédia, depois, como farsa”, p. 13-14).

§2º **Obstáculo 1: A “síndrome do vira-lata brasileiro”**. Tal é a principal bandeira hasteada por Jessé Souza, em suas inúmeras obras: denunciar a interpretação tradicional herdada pelos clássicos da sociologia brasileira, donde criou-se o mito nacional a partir do qual o país deixa-se manipular pela elite do atraso. Uma “sociologia de vira-lata”, que serve para a legitimação dos interesses econômicos e políticos das elites e ajuda a perpetuar a desigualdade no Brasil.

§3º **A narrativa do vira-lata**. Os efeitos dessa narrativa podem ser notados: a) na maneira como concebemos o tema da corrupção, graças à noção de patrimonialismo arraigada no senso comum, tanto à direita, quanto à esquerda, segundo a qual, vê-se apenas a corrupção dos tolos (concentrada no Estado), passando completamente despercebida a corrupção real (o grosso da corrupção, concentrada no mercado); b) na naturalização da “ralé brasileira”, graças aos conceitos racistas contidos na interpretação tradicional dos clássicos da sociologia brasileira, que consolida uma subcidadania permanente e estrutural para grande parte da população, ao criar cidadãos de segunda classe, sem autoestima, sem autoconfiança e destinados à obediência e ao sentimento de inferioridade.

§4º **A narrativa do vira-lata, como obstáculo**. Desse modo, correta a identificação do obstáculo da narrativa, tal como afirma Jessé Souza: “(...) para criticar o Brasil de hoje e compreender o que está em jogo na política e na manipulação da política como forma de dominação econômica e simbólica, é necessário reconstruir uma totalidade alternativa que desconstrua o culturalismo racista conservador e reconstrua a sociedade brasileira em um sentido novo e crítico” (Souza, “A elite do atraso”, p. 37).

§5º **Obstáculo 2: a forma de vida neoliberal**. O neoliberalismo não pode ser compreendido adequadamente apenas por um de seus aspectos, isoladamente: seja político, seja econômico, seja social, seja subjetivo. Trata-se de uma forma de “governamentalidade”, à maneira como Michel Foucault a compreendeu, como um conjunto de técnicas de dominação – discursos, práticas, dispositivos disciplinares – que envolve tanto o governo dos outros, como o governo de si. O neoliberalismo, portanto, seria uma nova forma de vida, de razão do mundo: a razão do capitalismo contemporâneo, como afirmam Dardot e Laval.

§6º **Neoliberalismo: o inimigo está dentro de nós**. No capitalismo contemporâneo, o nosso inimigo não é mais tão somente uma instituição, uma organização política ou uma classe social; o inimigo está dentro de nós. Nascidos, em boa parte, nas décadas de 70, 80 e 90, hoje, somos uma geração inteira de indivíduos formada segundo um novo modo de racionalidade. O indivíduo neoliberal opera como uma empresa; é orientado segundo o “ideal empresarial de si”. Hoje, agimos,

pensamos, desejamos, trabalhamos e falamos de uma forma completamente diversa em relação às gerações das décadas anteriores: somos indivíduos-empresas, orientados segundo a lógica da concorrência.

§7º *Governo Bolsonaro.* A ascensão conservadora que constatamos, ao menos, a partir das manifestações de junho de 2013, que culminou no golpe de Estado de 2016 e desaguou na vitória do governo neofascista de Jair Bolsonaro é um fenômeno que não pode ser compreendido sem a compreensão da formação do indivíduo neoliberal e da classe média neoliberal, formada, dentre outras, a partir da lógica da concorrência, da ideologia da meritocracia e da compreensão da política como gestão. Formação que, por sua vez, torna-a incapaz de compreender a natureza da democracia, como instituição de direitos e concepção do conflito como legítimo no interior do regime político.

§8º *A resistência ao neoliberalismo.* Diante disso, a resistência ao neoliberalismo implica um trabalho de longo alcance, surgido a partir da compreensão de que, atualmente, não lidamos mais, tão somente, com um inimigo concreto externo, mas como um inimigo que habita cada um de nós, ou seja, uma forma de racionalidade que envolve o próprio agente político de transformação social.

§9º *Obstáculo 3: a onda neofascista.* Hoje, o poder cínico declara abertamente a substituição do Estado Democrático de Direito pelo Estado de Exceção Permanente. Para o neoliberalismo, enquanto “nova razão de mundo”, a democracia torna-se mera formalidade ou mesmo dispensável. O governo neofascista de Jair Bolsonaro caracteriza-se, essencialmente, pela simbiose entre autoritarismo e neoliberalismo, cujo programa político é implementado a partir da gestão social do medo.

§10º *Estado de semi-ilegalidade.* Já vivemos, ao menos, um estado de semi-ilegalidade, segundo o qual as liberdades democráticas podem ser suprimidas, excepcionalmente, caso seja necessário para a garantia da ordem vigente, bem como para a imposição da agenda neoliberal. A ocupação política das ruas, assim, deverá ser tratada como caso de polícia, passível de ser violentamente suprimida, com amparo legal.

§11 *Necro-Estado e biopolítica.* O Estado brasileiro apresenta-se como aquilo que sempre foi: um Necro-Estado, cuja soberania é exercida como “a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e que não é” (Mbembe, “Necropolítica”, p. 41). A oposição política deverá ser tratada segundo a lógica militar de aniquilação do inimigo. Os movimentos sociais, nas ruas, deverão ser enquadrados como terroristas. As greves deverão ser reduzidas ao mero espetáculo: “garantia de 90% de funcionamento, sob pena de multa milionária e passível de responsabilização individual”. No Estado Pós-Democrático, “o poder político torna-se subordinado, sem mediações, ao poder econômico: o poder econômico torna-se poder político” (Casara, “Estado Pós-Democrático”, p. 183).

**MARCELO PENNA KAGAYA
TJAA - TRT 2ª REGIÃO**